

# NA TESSITURA DO TEMPO: A COLEÇÃO DE AUTORES AFRICANOS

## THROUGHOUT THE TIME: COLEÇÃO DE AUTORES AFRICANOS

*Clauber Ribeiro Cruz<sup>1</sup>*

---

### RESUMO

Diante da área dos estudos literários, este artigo tem o objetivo de apresentar algumas nuances da importância e da concepção do primeiro projeto literário sistêmico acerca das literaturas africanas publicado no Brasil, isto é, a *Coleção de Autores Africanos* da Editora Ática (1979-1991). Essa antologia foi coordenada pelo Professor Dr. Fernando Augusto Albuquerque Mourão, durante a gestão de Anderson Fernandes Dias, presidente à época da referida casa editorial. Assim sendo, por meio da análise de algumas das 27 obras que a compõem, dos depoimentos de Mourão, das reportagens em alguns periódicos, como as do *Jornal do Brasil*, evidenciaremos a relevância dessa seminal produção de títulos africanos que chegavam ao Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: *Coleção de Autores Africano*, Fernando Mourão, Ática.

### ABSTRACT

This article belongs to the literary field, and its aim is to introduce some facts concerned to the importance and the conception of the first systemic literary project about African literatures published in Brazil by Ática publishing company, i. e., *Coleção de Autores Africanos* (1979-1991). This anthology was coordinated by the Ph.D. Professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão, during the administration of Anderson Fernandes Dias, president at the time of the referred publishing house. Thus, by analyzing some of the 27 books that are part of the Collection, the testimonies of Mourão, the articles in some newspapers, such as *Jornal do Brasil*, we will highlight this crucial production of African titles that arrived in Brazil.

KEYWORDS: *Coleção de Autores Africanos*, Fernando Mourão, Ática.

A *Coleção de Autores Africanos* (CAA) foi o primeiro projeto literário sistêmico de escritores africanos publicado no Brasil. A coordenação da antologia foi realizada pelo Professor Dr. Fernando Augusto Albuquerque Mourão (1934-2017), docente titular do curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo à época. Ademais, essa iniciativa foi feita em uma parceria com a Editora Ática, entre os anos de 1979 a 1991, que tinha na presidência o Professor Anderson Fernandes Dias (1932-1988).

A proposta inicial do projeto literário almejava publicar pelo menos uma obra de cada um dos países do continente africano, a fim de que se pudesse apresentar os expoentes das literaturas africanas daquele período, tal como destacado neste depoimento do professor Fernando Mourão concedido ao *Jornal do Brasil* em 1983:

- Nosso propósito é mapear todo o continente. Nos próximos meses, teremos o primeiro título procedente da África do Norte, *O astrolábio do mar*, do tunisiano Chems Nadir. Depois será a vez de Thiong N’Guzi, ex-combatente do movimento Mau-Mau e hoje contestador da política atual do Quênia. Em seguida virão autores da África do Sul. O nosso mapeamento pretende cobrir não apenas a África geograficamente, mas também a ideológica. No final, a série terá publicado autores representativos das mais diversas correntes políticas e estéticas. (PONTES, 1983, p. 12)

Assim sendo, na primeira leva de obras da *Coleção*, títulos vinculados à temática do colonialismo foram lançados, tanto que a obra *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, do angolano Luandino Vieira, inaugurou a antologia em 1979. Posteriormente, o projeto literário apresentou produções que representavam a destruição causada pela seca, pela fome e pelo desprezo, bem como em *Os flagelados do vento leste*, do cabo-verdiano Manuel Lopes; e *Nós matamos o Cão-Tinhoso*, do moçambicano Luís Bernardo Honwana.

Na sequência, destacam-se as obras que apresentaram, também, os aspectos relacionados às transformações linguísticas, tais como *Luuanda*, de Luandino Vieira; *Mestre Tamoda*, de Uanhenga Xitu; e *Kinaxixe e outras prosas*, de Arnaldo Santos.

Por fim, de modo a salientar as metamorfoses do entrelaço entre a tradição e a modernidade, apresentaram-se produções após esse momento, isto é, romances pós-coloniais, como *Gente da cidade*, de Cyprian Ekwensi; e *O Belo imundo*, de Valentin Y. Mudimbe.

Deste modo, a organização temática da CAA dividiu-se em cinco linhas de trabalho, a saber: 1- colonialismo, 2- aspectos/problemas sociais, 3- “literatura de combate”, 4- aspectos linguísticos e 5- descolonização. Evidentemente, esses eixos não foram desenvolvidos de modo unilateral, a mescla de temas foi algo recorrente e necessário, ao passo que há obras que trataram dos aspectos relacionados ao colonialismo junto às transformações linguísticas.

Como já indicado, entre as obras representantes desse primeiro eixo de trabalho, temos como exemplo o romance *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, que, por meio de uma narrativa rápida, com uma linguagem vigorosa e ritmada, apresenta-se a figura de seu herói, Domingos Xavier, o qual se caracterizou como um símbolo importante contra o colonialismo em Angola, já que seu cárcere e morte abriram caminho para a libertação, isto é, a verdadeira vida dentro do coração do povo angolano (VIEIRA, 1979, p. 94).

Em uma das passagens do romance, a vida do sentenciado Domingos Xavier é relacionada ao fluxo do rio Kuanza, um importante rio de Luanda, pois, assim como muitos outros “[...] que viram correr as águas do rio, avolumando-se a caminho da foz, num crescente através das entranhas da terra-mãe” (MOURÃO, 1979, p. 3), Domingos Xavier compartilhou desse destino semelhante.

Essa ideia, portanto, vinculou-se à busca pela nacionalidade/liberdade africana, haja vista que tal como o fluxo do rio o destino da(s) personagem(ns) foi renovado, já que as correntezas fluíram abrindo novos percursos em face das forças contrárias, indicando, por sua vez, não a subordinação à situação presente, mas sim a sua transformação: “O Grito da terra mãe, a força unificadora das águas e das ideias, surge como que animando os personagens” (MOURÃO, 1979, p. 3).

[...] Fechava os olhos e o Kuanza corria ao luar, rugindo furioso ou manso e quieto, grande mar sem ondas. Como o sono chegando e vencendo tudo, tudo, até o cansaço e a vontade grande de ficar acordado, pensar. Mas como o sono era como o Kuanza. Nada lhe resistia. Deitado, se deixou boiar no seu rio de criança, do planalto, que lhe tinha visto nascer. (VIEIRA, 1979, p. 27)

Na segunda linha de trabalho, destacamos o romance *Os flagelados do vento leste* (1979), de Manuel Lopes, no qual temos a luta do povo de Santo Antão, em face da seca, da fome e do sofrimento de uma população rural diante da tragédia de um tempo em que tudo era negado, inclusive a própria terra.

Com isso, por meio da persistência do protagonista José da Cruz, acompanhamos um mundo a ruir pela presença de um local seco e árido. Assim, à espera da chuva, os sentimentos de esperança misturam-se com os de tristeza:

Agosto chegou ao fim. Setembro entrou feio, seco de águas; o Sol peneirando chispas num céu cor-de-cinza; a luminosidade tão intensa que trespassava as montanhas, descoloria-as, fundia-as na atmosfera espessa e vibrante. Os homens espivavam, de cabeça erguida, interrogavam-se em silêncio. Com ansiedade, jogavam os seus pensamentos, como pedras das fundas, para o alto. Nem um fiapo de nuvem pairava nos espaços. Não se enxergava um único sinal, desses indícios que os velhos sabem ver apontando o dedo indicador, o braço estendido para o céu, e se revelam aos homens com palavras escritas. (LOPES, 1979, p. 12)

Embora a esperança mova a personagem José da Cruz em busca de uma perspectiva melhor, a seca e a fome levaram a sua família, transformando-o em um homem desiludido, vagando por sua própria terra:

Se novembro tivesse sido de águas, José da Cruz não estaria nesse momento debaixo do tamarindeiro; nem os outros estariam ali cavando na poeira da estrada. Mas quando chegou fevereiro, todos tinham debandado. Se chovesse, então, José da Cruz teria sido o único homem a encontrar-se no seu posto. Por isso ele saía mais molesto que todo o mundo. O seu aspecto era de um morto descido das montanhas e que teimava em conviver com os vivos. (LOPES, 1979, p. 213)

No terceiro eixo divisório da CAA, apresenta-se o romance *Mayombe* (1982), de Pepetela, que desenvolve uma miscelânea de assuntos filosóficos, poéticos e históricos, todos envolvidos nos discursos dos grupos guerrilheiros que estavam embrenhados nas florestas angolanas durante o período de libertação nacional.

Conta-se que este romance foi escrito no período das 22 e 24 horas, durante um ano, em plena floresta de Cabinda, visto que Pepetela era um dos membros ativos dos grupos guerrilheiros em Angola. Desta maneira, a obra narra as histórias e as problemáticas em torno da guerrilha e seus guerrilheiros.

A maioria das personagens não tem nomes com substantivos próprios, mas sim com comuns; verbos substantivados, ou mesmo nomes preposicionados, haja vista que as definições das palavras mesclam-se com a características das personagens e ganham significados que se conectam às suas personalidades. Ademais, esses nomes acentuam o espaço e a temática em desenvolvimento:

Lutamos está nervoso, inquieto, notou Sem Medo. O Teoria está a sofrer, mas finge que não. O Ekuikui... esse é sempre o mesmo. Ingratidão está desconfiado do Lutamos. Mundo Novo deve estar a pensar na Europa e nos seus marxistas-leninistas. Os pensamentos do Comandante não iam mais longe. Eram fotografias que tirava aos elementos do grupo e que classificava num ficheiro mental, sem mais se preocupar. Quando necessário, servia-se dessas informações para ter uma imagem fiel de cada guerrilheiro e saber que tarefa dar a cada um. (PEPETELA, 1982, p. 21)

Já em relação à próxima linha de temas, há várias obras que desenvolveram esse assunto, tal como o livro de contos *Kinaxixe e outras prosas*, de Arnaldo Santos, que imergiu no mundo dos musseques, das quitadeiras, das quitatas, destacando o tempo da juventude, do período de trabalho e da ruptura nas relações sociais.

Neste livro, há o trabalho de uma linguagem própria, com as especificidades dos bairros de Luanda, isto é, a linguagem dos mais velhos; a linguagem ritmada dos musseques, uma vez que essas características

vincularam-se à resistência e à assimilação imposta pelo colonizador. Vejamos uma das descrições de um dia qualquer no Kinaxixe:

Àquela hora, já não havia os aveludados bichinhos da chuva, vermelhos como gotinhas de sangue, e o Martini vendera já as melhores maçãs-da-índia, que tinham caído da véspera. Os criaditos acorriam a recados das senhoras do Kinaxixe e saíam agitando quindas<sup>2</sup> coloridas que giravam no ar. Alguns comerciantes, findo o primeiro fluxo com os matabichos<sup>3</sup> dos trabalhadores da madrugada, descansavam à porta e entretinham-se tentando xaxatar<sup>4</sup> negrinhas púberes. (SANTOS, 1981, p. 8)

Entre as obras da última fase, temos o romance *De uma costela torta* (1982), de Nuruddin Farah, no qual há o retrato da condição social da mulher somaliana, destacada pela figura de Ebla, a qual evidencia as suas angústias e crenças, num tempo em que os valores do passado se debatiam com as intervenções do mundo atual.

Com a conquista da independência da Somália em 1960, essa obra discute as relações com o seu passado histórico, mobilizado pela influência da religião islâmica, diante de um presente que traz uma série de novas situações em decorrência das transformações urbanas.

Na passagem em destaque abaixo, evidenciamos que o mundo da protagonista ainda se movia em virtude do respeito ao passado; já na segunda, observamos a subversão desses sentimentos:

[...] Tinha ideias próprias e respeito das pessoas e das coisas, mas respeitava sempre os velhos e os mortos. Dava a seus falecidos pais a maior importância, depois do avô que a criara.

[...] Escapar! Livrar-se de todas as peias, evitar o casamento com Guimalé. Afastar-se do que a incomodava. Romper com as cordas com que a sociedade a tinha amarrado; ser livre, ser ela mesma. Ebla pensou nisso, e em muitas outras coisas. (FARAH, 1982, p. 10-13)

Deste modo, notamos que as linhas de trabalho da CAA corroboraram uma das perspectivas político-sociais da *Coleção*, a qual estava vinculada aos processos de libertação dos países africanos, mais a realidade contextual brasileira, que passava pelo momento da considerada distensão política a partir dos anos finais da ditadura militar.

Embora o plano piloto não tenha ocorrido exatamente da maneira esperada, isto é, publicar pelo menos uma obra de cada um dos países africanos e mesmo seguir as linhas de trabalho previamente planejadas, a antologia deixou um legado notável, haja vista que a montagem desta coletânea de obras proporcionou uma via mais acessível às produções africanas, quer aos leitores, quer aos pesquisadores da área emergente.

Assim, foram lançados vinte e sete livros que compuseram um panorama literário significativo, destacando-se obras de José Luandino Viei-

ra, Pepetela, Manuel Ferreira, Arnaldo Santos, Bernard B. Dadié, Djibril T. Niane, Boaventura Cardoso, Chinua Achebe, Cyprian Ekwensi, Uanhenga Xitu, Agostinho Neto, entre outros. Com essa lista diversificada de escritores, corroborou-se uma das intenções da série: a perpetuação de um “mapa literário africano” no Brasil.

Na tabela abaixo, veremos a lista completa das obras e autores lançados pela antologia:

<b>Obras:</b>	<b>Autores:</b>
<i>A vida verdadeira de Domingos Xavier</i> (1979)	Luandino Vieira
<i>Os flagelados do vento leste</i> (1979)	Manuel Lopes
<i>As aventuras de Ngunga</i> (1980)	Pepetela
<i>Nós matamos o Cão-Tinhoso</i> (1980)	Luís B. Honwana
<i>Estórias do musseque</i> (1980)	Jofre Rocha
<i>Hora di bai</i> (1980)	Manuel Ferreira
<i>O belo imundo</i> (1981)	Valentin Y. Mudimbe
<i>Kinaxixe e outras prosas</i> (1981)	Arnaldo Santos
<i>Portagem</i> (1981)	Orlando Mendes
<i>Luuanda</i> (1982)	Luandino Vieira
<i>De uma costela torta</i> (1982)	Nuruddin Farah
<i>Climbiê</i> (1982)	Bernard B. Dadié
<i>Aventura ambígua</i> (1982)	Cheikh H. Kane
<i>Mayombe</i> (1982)	Pepetela
<i>Sundjata ou a epopeia Mandinga</i> (1982)	Djibril T. Niane
<i>Dizanga dia muenhu</i> (1982)	Boaventura Cardoso
<i>O mundo se despedaça</i> (1983)	Chinua Achebe
<i>O astrolábio do mar</i> (1983)	Chems Nadir
<i>Gente da cidade</i> (1983)	Cyprian Ekwensi
<i>A ordem de pagamento e Branca gênese</i> (1984)	Sembène Ousmane
<i>Ilhéu de contenda</i> (1984)	Teixeira de Sousa
<i>“Mestre” Tamoda e Kahitu</i> (1984)	Uanhenga Xitu
<i>Yaka</i> (1984)	Pepetela
<i>Sagrada esperança</i> (1985)	Agostinho Neto
<i>Chiquinho</i> (1986)	Baltasar Lopes
<i>Dumba nengue: histórias trágicas de banditismo</i> (1990)	Lina Magaia
<i>Nós, os do Makulusu</i> (1991)	Luandino Vieira

Entre os livros publicados, há dezesseis romances, nove de contos, uma novela e um livro de poesia, isto é, a obra *Sagrada Esperança*, de Agostinho Neto. Com isso, percebemos que a *Coleção* compôs-se majoritariamente de títulos de prosa. As obras de poesia não foram incluídas em maior quantidade por uma questão mercadológica, o fato de terem editado o livro de poesias de Agostinho Neto justificou-se mais como um ato de homenagem à importância do autor diante do cenário literário e político-social, tanto que na capa de *Sagrada Esperança* há uma clara referência aos dez anos de conquista de independência de Angola, visto que o livro foi lançado em 1985.

Em virtude de uma maior proximidade de Fernando Mourão com os autores angolanos e cabo-verdianos, percebemos que a seleção dos escritores desses países foi maior, especialmente aos autores angolanos, tanto que foram lançadas onze obras da literatura angolana, enquanto que as de Cabo Verde foram somente quatro

Já com os escritores moçambicanos, pelo fato da localização geográfica, era difícil de obter-se um contato mais efetivo. Por isso, somente três obras foram contempladas na antologia.

Notamos, por sua vez, que há o predomínio de títulos dos países de língua portuguesa, num total de dezoito entre os vinte e sete. Os outros nove foram escritos originalmente em inglês e/ou francês, demonstrando que uma das intenções era justamente evidenciar as produções dos países africanos de modo geral, não as centralizando somente nas de língua comum. Com isso, reiteramos, buscava-se construir um mapa literário do continente.

A primeira obra publicada fora do eixo dos países de língua portuguesa foi *O Belo Imundo*, originalmente escrita em francês. Depois temos *De uma costela torta*, em inglês. Na sequência foi *Climbiê*, em francês; *Aventura ambígua*, também em francês; *Sundjata ou a Epopeia Mandinga*, em língua francesa; *O Mundo se despedaça*, em inglês; *O astrolábio do mar*, em francês; *Gente da cidade*, em inglês; *A Ordem de pagamento e Branca gênese*, em francês.

Vale ressaltar que Mourão conheceu muitos desses autores e suas respectivas obras, por conta da sua experiência no Comitê Científico da UNESCO para realização dos livros que compuseram a coleção *História Geral da África*.

Portanto, o projeto reuniu nove obras de países africanos que foram colonizados pela França e Inglaterra: Costa do Marfim, Senegal, Guiné e Tunísia - língua francesa. Somália e Nigéria - língua inglesa. As traduções para a língua portuguesa ficaram sob a responsabilidade de Sérgio F. G. Bath, Natividade Petit, Wamberto Hudson Ferreira, Oswaldo Biato, Vera Queiroz da Costa e Silva, Sérgio Tapajós e Jaime Villa-Lobos.

Realçamos que as traduções para o português foram desenvolvidas pelos melhores profissionais do país na época, os quais eram membros do Itamaraty, na sua maioria. Esses tradutores, além de dominarem os aspectos linguísticos, estavam envolvidos com os países africanos de algum modo. Desta maneira, a realização das traduções poderia ser feita a partir de aspectos fiéis de uma África real. Esse fato reforça a rede de contatos desenvolvida por Fernando Mourão, tanto que, por conta disso, as obras da CAA ficaram conhecidas entre diversos membros do Itamaraty.

Há a ausência de obras de dois países que produziam literatura em língua portuguesa: São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau. Ao questionarmos Mourão sobre esse assunto, ele nos disse que na época, por conta das relações comerciais com a editora, foi decidido que os autores desses países não

poderiam ser publicados, pois as vendas seriam baixas, já que as produções eram majoritariamente poemas, os quais tiveram pouco espaço na antologia em virtude de questões comerciais.

Além disso, entre as vinte e sete obras selecionadas, percebemos a presença de determinadas características comuns que se articularam entre os títulos. Entre elas há a representação do sujeito colonizado como elemento central das narrativas, uma vez que os autores buscavam, entre outras coisas, a desconstrução da gênese de que o homem africano era desprovido de cultura e que precisava ser civilizado. Deste modo, essa unidade temática percorreu boa parte da *Coleção*, já que se retomou a busca pela identidade africana por meio de seus próprios escritores.

Essa ideia já era defendida por Fernando Mourão ao longo de suas pesquisas, tanto que em sua dissertação de mestrado, *A Sociedade Angolana através da Literatura*, publicada pela Ática em 1978 na coleção *Ensaio*, o pesquisador já havia analisado a obra do escritor angolano Fernando Monteiro de Castro Soromenho, considerando-a como um documento literário que refletia a sociedade angolana, sobretudo, nos anos de 1930 a 1950:

A obra literária de Castro Soromenho constitui-se num dos primeiros documentos literários em divulgação em que se coloca a problemática colonial com maior precisão. Seu grande e maior mérito foi o de ter mostrado o africano, mais precisamente o lunda, como portador de uma cultura própria, num momento em que se admitia ainda que o africano necessitava de ser “civilizado”. Soromenho bate-se pela especificidade da cultura africana. Esta orientação, central de sua obra, apresenta, contudo, algumas nuances refletindo sua época.

(MOURÃO, 1978, p. 9)

Para tanto, salientamos que, por um lado, o caminho construído para a configuração da CAA foi traçado através das intervenções feitas pelo gestor da ideia, que, ao elaborar o perfil e identidade dessa coletânea, percorreu parte de sua história anterior à produção desta série, uma vez que o envolvimento com intelectuais, escritores e personalidades da época propiciou elementos essenciais para a composição da lista de livros e mesmo para a base humanista que envolveu a gênese da *Coleção*.

Só para citarmos alguns exemplos, nos anos de 1950, Mourão estudou em Portugal e teve contato com os membros da Casa dos Estudantes do Império, período esse de grande efervescência cultural e política no que diz respeito a maior visibilidade às produções africanas e ao próprio continente.

Nos anos de 1960, retornou ao Brasil e vinculou-se ao MABLA, Movimento Afro-brasileiro Pró-libertação de Angola. Ademais, foi um dos fundadores do Centro de Estudos Africanos da USP, da *Revista África*, entre outros. Esses diversos espaços construídos ao longo da vida do intelectual atuaram na configuração ideológica da *Coleção Autores Africanos*.



Por outro lado, a CAA integrou-se à linha de coleções engajadas da Ática, que tinha o objetivo de propiciar um espaço cultural de resistência à ditadura militar, tendo em vista o contexto brasileiro, que, à época, passava pelo processo de redemocratização.

Como é possível notar, a CAA foi um empreendimento editorial que se inseriu no catálogo da Ática por meio de uma trajetória que já havia se iniciado em 1974 com a coleção *Ensaio*, coordenada pelo jornalista José Adolfo Granville Ponce; com a *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, coordenada pelo professor Florestan Fernandes; com a *Coleção Nosso Tempo* e a *Coleção de Autores Brasileiros*, dirigida por Jiro Takahashi. Todas essas produções estavam integradas a uma linha engajada da editora.

Assim sendo, como já mencionado, embora a CAA estivesse vinculada à proposta empenhada das coleções que a precederam, a direção do projeto coordenada pelo professor Mourão também incutiu características relacionadas a sua trajetória pessoal, visto que foi um ativo articulista cultural da Casa dos Estudantes do Império, em Portugal, e um divulgador das produções/relações africanas fora e dentro do meio acadêmico brasileiro.

Deste modo, o projeto *Autores Africanos* vinculou-se naturalmente ao catálogo de produções da editora, pois as criações da série literária apresentavam/apresentam uma temática pujante, isto é, uma literatura de re-existência:

Assim, será proporcionada ao leitor a oportunidade de conhecer o mundo africano, com todo o seu imaginário, na luta pela afirmação nacional. É urgente conhecer os autores africanos e a sua literatura. Nela está contida a voz de um povo que agora está escolhendo seu próprio destino.<sup>5</sup>

Vale ressaltar que essas áreas de confluências estavam integradas e agiram conjuntamente, ou seja, tanto no setor editorial, articulado com a frente de resistência cultural da Ática, quanto nos eixos temáticos das obras da CAA propostas por Fernando Mourão, os quais dialogavam com as representações literárias dos escritores africanos.

Com isso, Mourão organizou uma coleção com autores expressivos das principais épocas que marcaram a história da África, desde a literatura oral, fundamentada no registro de mitos e lendas, até a “literatura de combate”, desenvolvida a partir da luta de independência. No entanto, a ênfase foi direcionada às literaturas modernas africanas, as quais contribuíram para o renascimento de suas culturas.

Todas essas relações, ao ter o professor Mourão como diretor da CAA, incidiram diretamente no DNA da antologia, visto que Mourão tinha o desejo de fazer no Brasil o que tinha feito em Portugal pela Casa dos Estudantes do Império, ou seja, divulgar as produções africanas.

Assim, percebemos os motivos que estariam por detrás das linhas de atuação desenvolvidas por Mourão e na escolha dos autores para a antologia, isto é, ao dividir as temáticas entre obras que realçaram o período colonial,

os aspectos sociais, as “literaturas de combate”, os problemas linguísticos e o processo de descolonização, além de estarem associadas ao contexto histórico africano, observamos a integração com o período vivido no Brasil, sendo um projeto literário com uma clara proposta de engajamento político e social.

Por fim, a parceria entre o professor Fernando Mourão e a Ática culminou no desenvolvimento de um projeto literário seminal acerca da divulgação e reconhecimento das literaturas africanas no Brasil. Esse material proporcionou o desenvolvimento de pesquisas, o surgimento de núcleos de estudos, a disseminação dos autores africanos em diversos espaços institucionais, em suma, houve a formação de uma massa crítica sobre a temática.

Ademais, a divulgação de autores africanos em um formato de coleção não somente nos aproximou de culturas tão semelhantes a nossa, mas ao mesmo tempo tão distante de nós, como proporcionou uma maior atenção e aprofundamento das áreas relacionadas aos estudos africanos espalhadas pelo país, revelando a indissociável conexão entre as duas margens do Atlântico.

Se hoje temos um cenário mais favorável, ainda que tímido, à recepção de obras africanas no Brasil, muito desse resultado se deve ao pioneirismo da *Coleção de Autores Africanos*, tanto que algumas obras publicadas pela antologia foram relançadas por outras editoras nos últimos anos, como *Mayombe*, *Luuanda*, *Nós matamos o Cão-Tinroso*, entre outras, sem contar a visibilidade aos autores contemporâneos, bem como Mia Couto, Ondjaki, Agualusa etc.

Portanto, sabemos que há um longo caminho ainda a ser trilhado, todavia, certamente a CAA teve um papel fundamental na construção desse percurso. Por sua vez, histórias como as de Fernando Mourão, do grupo Ática, representada pelas iniciativas de Anderson F. Dias com antologia africana, não podem ser esquecidas; pelo contrário, elas devem perdurar na tessitura do tempo como parte crucial da construção das relações memorialísticas e contemporâneas de Brasil e África.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARAH, Nuruddin. *De uma Costela Torta*. Trad. de Sérgio F. Bath. São Paulo: Ática, 1982 (Coleção de Autores Africanos, 11).

LOPES, Manuel. *Os Flagelados do Vento Leste*. São Paulo: Ática, 1979 (Coleção de Autores Africanos, 2).

MOURÃO, Fernando. *A autonomia das literaturas africanas e a sua divulgação no Brasil: o caso de Angola* - Discurso proferido na VI Conferência de Escritores Afro-Asiáticos. Luanda, 1979, p. 1-29.

\_\_\_\_\_. *A sociedade angolana através da literatura*. São Paulo: Ática, 1978.

PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: Ática, 1982 (Coleção de Autores Africanos, 14).

PONTES, Mário. Um mapa da África literária. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 25 mai. 1983. Caderno B, p. 12.

SANTOS, Arnaldo. *Kinaxixe e Outras Prosas*. São Paulo: Ática, 1981 (Coleção de Autores Africanos, 8).

VIEIRA, José Luandino. *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*. São Paulo: Ática, 1979 (Coleção de Autores Africanos, 1).

*Recebido para avaliação em 27/10/19*  
*Aprovado para publicação em 06/01/20*

## NOTAS

1 Doutor em Letras pela UNESP/Assis. Docente de Língua Portuguesa e Língua Inglesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus* Avançado Resende. E-mail: clauber.cruz@ifrj.edu.br

2 Quinda - cesto.

3 Matabicho - café da manhã.

4 Xaxatar - apalpar.

5 Nota presente no folder *A voz de um povo*, pertencente ao acervo pessoal de Fernando Mourão.